

www.jornalemfoco.com.br



Foto: Flávio Oliver



Foto: www.esportesite.com.br



Foto: Arquivo Febicross



Foto: www.academiatabicosta.com.br

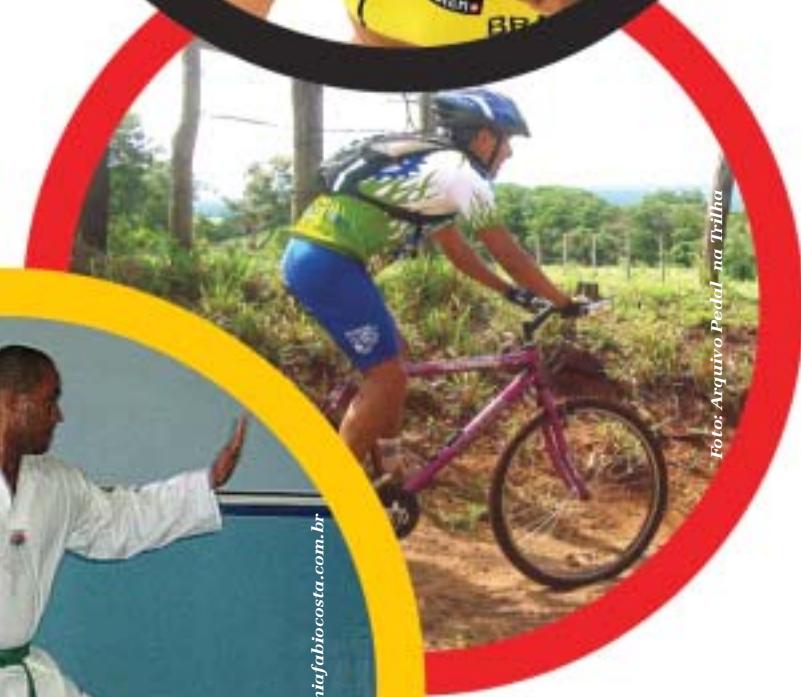


Foto: Arquivo Pedal na Trilha

2008

O ANO DO ESPORTE

Esporte em foco

Mais um semestre que começa e o Jornal Laboratório Em Foco está de volta às manhãs de domingo da Avenida Afonso Pena. Neste exemplar, as reportagens produzidas pelos acadêmicos do curso de Jornalismo da UCDB são resultado da interdisciplinaridade entre Redação Jornalística e Jornalismo Esportivo.

O procedimento é comum no curso e uma das formas de transformar os conteúdos de disciplinas específicas em reportagens para os jornais impressos produzidos quinzenalmente. Neste Em Foco voltamos ao Emojornalismo ou Jornalismo Esportivo – já que as reportagens desta editoria transpiram criatividade e emoção. Mas não só estes dois aspectos foram tratados nas matérias, isso por que no esporte é importante ainda conhecer o histórico, as regras e as perspectivas de cada modalidade.

Este cenário que aparece na edição do Em Foco também vem ganhando espaço na imprensa mundial, afinal estamos em época de Olimpíadas. Muitos dos esportes que vão ganhar destaque na China já estão nas páginas da nossa edição que apresentam informações sobre artes marciais, futebol, futsal, mountain bike, bicicross (que estréia este ano nas Olimpíadas) e muito mais.

O leitor pode encontrar ainda reportagens sobre o segundo esporte mais popular do mundo (descubra qual é nas próximas páginas), o kenpo havaiano, o esporte como forma de reabilitação de detentos e inclusão social, o vôlei de praia, o whelling, o kart e um gol que marcou a história de um atleta sul-mato-grossense. Entre no clima do esporte e aproveite mais esta produção dos acadêmicos do curso de Jornalismo da UCDB.



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VII - nº 106 - Julho/ Agosto de 2008 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-Reitor Acadêmico: Pe. Dr. Gildásio Mendes

Pró-Reitor Administrativo: Ir. Raffaele Lochi

Artigo

O apelo da mídia para a emoção das informações esportivas pode mascarar interesses

ANALGÉSICO das DORES

Felipe Duarte

Ligamos a TV e começa o jornal. Ele inicia com as tragédias. Caiu um avião no Oriente, a guerra na Palestina e acidentes automobilísticos nas estradas. Intervalo. A política ou ‘politicagem’ praticada em Brasília ganha as notícias, juntamente com os acontecimentos internacionais. Mais um intervalo. Estamos deprimidos, desmotivados, já desacreditados do mundo até aparecer o esporte. A linda torcida do Flamengo cantando um belo hino na vitória. “Tu és time de tradição/Raça, amor e paixão, ó meu Mengo/Eu sempre te amarei, onde estiver estarei, ó meu Mengo”. Lindo! Agora começa a novela. Estamos felizes e esquecemos os fatos tristes e que influenciam nosso dia-a-dia.

Este é o poder do esporte, principalmente o futebol. Ele nos faz esquecer o cotidiano e deixa com que os fatos mais importantes, como a tomada de decisões políticas, as mudanças econômicas fiquem em segundo plano.

O esporte não é ruim. Tem sua função social. É necessário apoio ao esporte. Os praticantes de esportes, senão o futebol de campo, são esque-

cidos e não têm apoio. Muitos atletas vivem no amadorismo e têm que trabalhar em outros empregos para conseguir praticar sua modalidade. Para exemplificar a falta de base em outros esportes podemos comparar dois fatos diversos. O técnico Cuca dispensou um salário de R\$ 180 mil para treinar o Santos. Não era o valor que ele queria. Os medalhistas do Taekwon-Do no Panamericano que houve no Rio de Janeiro em 2007 não tinham apoio algum para a prática do esporte. Apenas as medalhas no “Pan” deram ‘voz’ aos atletas para reclamarem da estrutura proporciona-

da a eles.

Quanto à mídia, o esporte tem sua importância, mas a vitória da seleção brasileira com dois gols do Robinho não pode ter mais divulgação do que o aumento dos salários dos deputados em Brasília ou o aumento dos impostos (aumento não aplicado aos deputados).

Não estou querendo propor que retirem o esporte da televisão. Apenas quero alertar para quem assiste que não se prenda tanto e desconfie do que é passado. O último bloco do telejornal é recheado de curiosidades e esporte não por acaso.

A inversão de valores que o esporte proporciona é grande e os meios de comunicação continuam a utilizá-la como forma de amenizar notícias de interesse de alguém. O interesse deste alguém é maior do que o interesse coletivo? Não, mas o canto do Corinthians continua a encobrir a verdade sobre desvios de verba pública. Isso não é culpa do Corinthians ou do Flamengo, já citado. A culpa é da mídia, ou deste alguém. O importante a ser perguntado, quem é este alguém? Qual o interesse dele? Informar de forma correta e isenta não é um dos interesses ou objetivos.

EXPEDIENTE

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos, Inara Silva e Oswaldo Ribeiro

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva, Jacir Zanatta e Oswaldo Ribeiro

Prof. Jornalismo Esportivo: Oswaldo Ribeiro

Repórteres: Alysson Maruyama, Átila Eugenio, Danúbia Burema, Fernanda Kury, Elaine Bechuate, Flávio Óliver, Kamilla Ratier, Luciene Martins, Rodson Lima, Talita Macedo e Tatiane Guimarães

Fios, legendas e títulos: Átila Eugenio, Danúbia Burema, Fernanda Kury, Elaine Bechuate, Flávio Óliver, Kamilla Ratier, Luciene Martins, Rodson Lima, Talita Macedo e Tatiane Guimarães

Projeto Gráfico: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação e Tratamento de imagens: Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande - MS. Cep: 79117900 - Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

Em Foco On-line (fase experimental): www.emfoco.com.br

E-mail: emfoco@ucdb.br
emfoco.online@yahoo.com.br

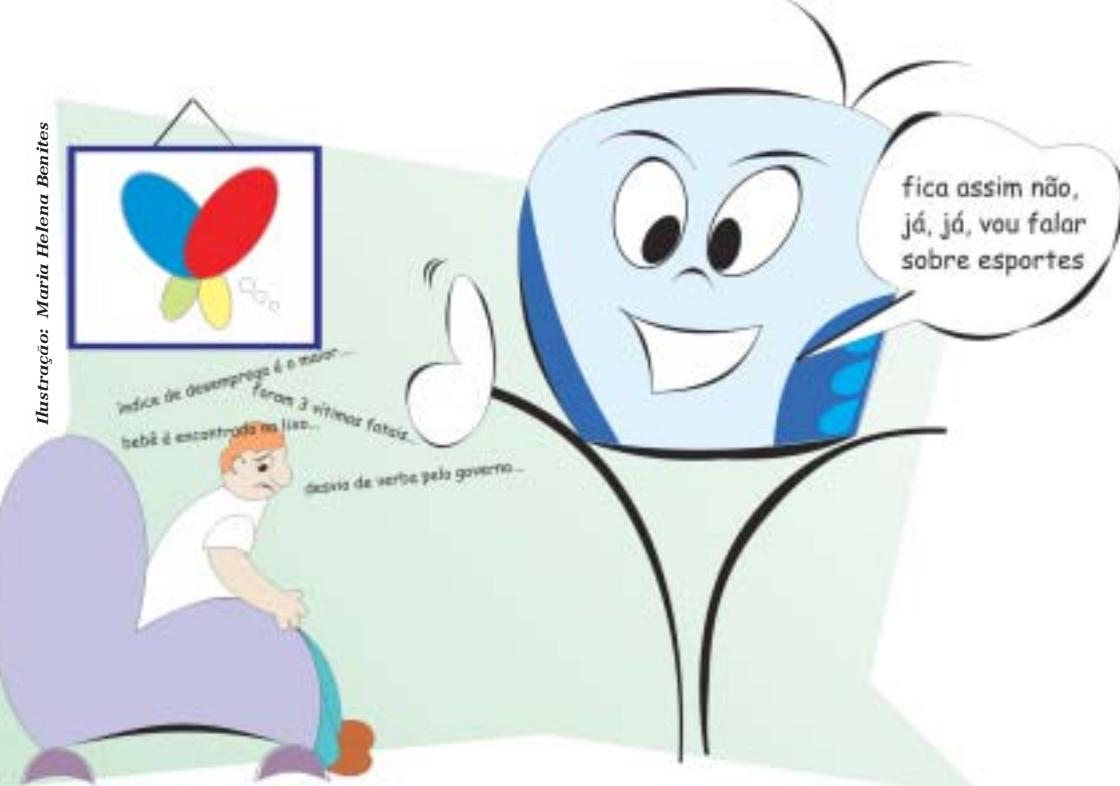


Foto: www.sporting-heroes.net



Com as mãos - Ganhador time que carregar a bola para trás das linhas de gol mais vezes

Rugby

Os vice-líderes do esporte mundial

Victor Luiz

Diz a lenda que em 1832 um inglês pouco habilidoso com a bola nos pés enfureceu-se durante uma partida de futebol, agarrou a pelota e correu em direção ao gol adversário tentando fazer com as mãos o que não conseguia fazer com os pés. Daí teria surgido o rugby. O fato é que, passados 176 anos, o esporte - que não é futebol, mas também é bretão - encontrou no Brasil fiéis adeptos. E não

foi diferente em Mato Grosso do Sul, onde cerca de 200 jovens já experimentaram a emoção de carregar a bola oval seguidos de perto por 15 adversários furiosos.

Para os que nunca ouviram falar vale uma rápida introdução: o rugby é o segundo esporte mais popular do mundo, perdendo apenas para o futebol. O jogo é disputado por duas equipes de 15 jogadores (e até seis reservas), em partidas com dois tempos de 40 minutos contínuos - o cro-

nômetro só é parado para atendimentos médicos - em um campo de até 144 metros de comprimento por 70 de largura. O objetivo é marcar o maior número de pontos ao levar a bola até atrás da linha de gol (nas linhas demarcatórias de largura) ou chutando contra o gol, marcado com dois grandes postes. O esporte tem similaridades com o futebol americano - que se originou do rugby, mas exige mais proteção dos praticantes.

O rugby chegou ao Brasil em 1891 por meio do Paissandu Cricket Club. O próprio introdutor do futebol em "terra brasiliensis", o inglês Charles Miller, era temível "rugby player" e, em 1895, já organizara o primeiro time de rugby em São Paulo. O esporte começou a ser praticado com regularidade no Brasil em 1925, em São Paulo, no "Campo dos Ingleses", pertencente ao São Paulo Athletic Club, em Pirituba. As décadas voaram e em seis de outubro de 1963 foi fundada a União de Rugby do Brasil, por Harry Donavan, com sede em São Paulo. No ano seguinte a entidade patrocinou o III Campeonato Sul-Americano de Rugby, no qual o Brasil foi Vice-Campeão. Em 1972 surgiu a Associação Brasileira de Rugby, substituindo a União e sendo reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos.

MS com a mão na bola

Mato Grosso do Sul teve seu primeiro contato com o rugby em 2002 quando os amigos Rodrigo Rondon, Rodrigo Paniago, Caçao e Danapi começaram a convidar os amigos para disputar partidas em chácaras e locais públicos. O que era uma tentativa de atrair alguns parceiros para compor uma "pelada" acabou se transformando no embrião do Campo Grande Rugby Clube (CGRC), que detém o título estadual e que em julho passado conquistou a segunda colocação da

Taça Bronze, realizada em Presidente Prudente (SP).

"Estamos desenvolvendo o esporte aos poucos em Campo Grande e em Mato Grosso do Sul", assegura Daniel Vasques Aleixo, um dos técnicos e jogadores do CGRC. Hoje, além da Capital, o esporte encontra adeptos em Dourados e Corumbá, cidades que já possuem suas equipes de rugby e devem disputar o campeonato estadual em fins de julho.

Portas abertas

O CGRC está incentivando o crescimento do esporte no Estado e para isso abre espaço para que novatos e interessados experimentem o jogo. Para isso, basta comparecer aos treinos da equipe as terças e quintas, a partir das 22h (na primeira entrada do Parque das Nações Indígenas) e aos sábados, a partir das 15h, ao lado da Uniderp Agrária.

"Qualquer um pode jogar, magro, gordo, baixo ou alto. No rugby cada um tem uma posição que se adapta ao seu biotipo. Basta ter vontade e vir conhecer o jogo", convoca Aleixo.

Serviço

Outras informações sobre o rugby no Brasil e em Mato Grosso do Sul e sobre como participar dos treinos podem ser obtidas com Daniel Vasques Aleixo (9293-1702) ou com Luiz Fernando (8405-3368) e também pela página da comunidade do CGRC no orkut, no endereço <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=352183>.

Ministrante: Edna Pereira Silva de Menezes
 Data: aos sábados, de 9 de agosto a 22 de novembro de 2008.
 Horário: das 13h às 18h

Valor do Curso:
 R\$ 308,00 para comunidade UCDB
 R\$ 350,00 para comunidade externa

www.ucdb.br/extensaoacademica

Apixonados pela natureza usam a bicicleta para trilhas noturnas de contemplação nos arredores da Capital

TRILHEIROS colocam força no pedal

Tatiane Guimarães

O grupo “Pedal na Trilha” existe há 12 anos, atualmente conta com cerca de 25 integrantes, mas começou com oito pessoas. Eles se reúnem três vezes por semana, nas terças, sextas-feiras e aos domingos, para praticar uma modalidade do ciclismo conhecida por *mountain bike*.

Os passeios têm duração de cerca de uma hora a uma hora e meia, no qual os participantes chegam a percorrer em média 20 quilômetros.

O grupo possui quatro coordenadores, são eles Valter Sandim, o “Valtão do Pedal”, Luis Louveira, o “Luisinho”, Mauro, o “Lobinho” e Ricardo Maeda. Valter Sandim é empresário, e está no grupo desde sua fundação, ele conta que a maioria dos circuitos que fazem, ocorre durante a noite. “Optamos por causa do tempo, do trabalho do pessoal”, explicou Valtão do Pedal.

Em 12 anos de grupo nun-



Foto: Arquivo Pedal na Trilha

Energia - Integrantes realizam os passeios três vezes por semana após o trabalho

ca aconteceu acidente sério com os seus integrantes. O fotógrafo e coordenador do grupo, Luisinho, acredita que é por causa das medidas de segurança que todos os membros do grupo seguem. “Só se machuca quem quer fazer graça, subir na calçada, empinar, se você tiver andando normalmente não machuca”, afirmou Luisinho.

O grupo possui uniforme, que é bem

colorido. “Para chamar atenção, a noite dobra a segurança”, declarou Luisinho. Além disso eles usam capacete e adesivos refletores. “Todo ciclista teria que ter refletores, ajuda muito, ajuda mesmo”, ressaltou Luisinho. Segundo ele, os passeios de bicicleta são feitos por lazer. “Não tem competição, é desfrutar a natureza”. Recentemente o grupo fez uma viagem a Corumbá, e pedalou por lá.

Luisinho é o fotógrafo oficial do grupo, que não tira foto de todos os passeios, só de alguns especiais, como em fazendas, por exemplo. “Para a gente ter um arquivo fotográfico bacana”, explicou. Mas nem sempre é possível fazer os registros, porque como tem muita pedra solta na estrada, fica complicado carregar a câmera.

“A gente já encontrou tamanduá, tatu, também, pelo fato de a bicicleta não fazer barulho”, argumentou Luisinho sobre a visão de animais típicos de áreas rurais, próximas a um grande centro urbano.

Outro cuidado que o grupo tem é com a alimentação. “O ciclismo não emagrece, mas ajuda a controlar a alimentação” disse Luisinho. Segundo ele, os integrantes que começam a participar do grupo são alertados para não comerem muito e dessa forma não correr o risco de ter má digestão durante o passeio e passar vergonha, mas são orientados a carregarem uma fruta para comer durante o trajeto.

Para Leandro de Jesus, de 25 anos, estudante e integrante do grupo, o que faz os passeios serem melhores são as amizades. “Todo mundo é muito amigo, a maioria é vizinho”, ressaltou Leandro.

PRIMEIRA vez nas Olímpiadas

Janete Cristaldo

Um esporte muito pouco mencionado na Capital, mas que vem fazendo a diferença para aqueles que adoram uma boa adrenalina é o Bicicross. Campo Grande ganha adeptos à curtição sobre duas rodas. Praticado na cidade desde abril de 1989, hoje este esporte já conta com mais de 500 atletas cadastrados de todo o Estado e com cinco pilotos do país vizinho; Paraguai.

Este ano o campeonato estatal é realizado na cidade de Sidrolândia, com 13 modalidades nas quais os jovens disputam as categorias pré-mirim, mirim, infantil, infanto, infanto-juvenil, juvenil, elite e máster, todos nas categorias masculino

e feminino com premiações do 1º ao 3º lugar.

Para quem não sabe, o Bicicross terá sua primeira participação nas Olimpíadas de Pequim e, de acordo com o presidente da Federação de Bicicross de Campo Grande (Febicross), Marcos Borges Ortega, o país pode chegar ao pódium olímpico. “O bicicross pela primeira vez será um esporte olímpico e temos grandes chances de trazermos medalhas, tanto no masculino quanto no feminino”, afirmou o presidente da Federação.

As competições este ano trouxeram novos talentos para o esporte, entre eles Osvaldo Cristina, de Ponta Porã. Para a Federação, o número de cadastrados aumentou devido a não cobrança de taxa de inscrição, o que algumas vezes atrapalha os competidores que têm dificuldades financeiras. Por isso a Febicross conta com o apoio do Governo e de outros órgãos que possam de alguma maneira apoiar o es-

porte. “Por não cobrarmos taxas de inscrições, contamos com o apoio do governo do Estado através da Fundesporte do programa Fundo de Investimento Esportivo, da Funesp, Gilmar Bicicletas e das prefeituras locais nos dias do evento”, comentou Marcos Borges Ortega.

Os interessados em começar a praticar o bicicross, podem conhecer a pista no Horto Florestal. Quem for ao local verá que precisa de algumas reformas. Toda a área esportiva do Horto é

administrada pela Fundação Municipal de Cultura e para o presidente da Febicross deveria ser outro órgão a ter essa responsabilidade. “Acho que a administração deveria ser feita pela Funesp, pois ela está responsável desde o desdobramento da Funcesp em todo o esporte da cidade e digo mais, para poder ter essas mudanças tenho que falar com muita gente e acaba se tornando muito burocrático”, alegou o presidente.

Foto: Arquivo Febicross



Competição - Em Mato Grosso do Sul cerca de 500 atletas praticam o bicicross

Falta de equipamentos e locais adequados barram talento

Nossas JADES edIEGOS

Flávio Oliver

A Ginástica Olímpica é um esporte que trabalha com as habilidades motoras específicas, tendo como fundamentos, saltos, balanço, aterrissagem e com o objetivo de tornar seus praticantes mais habilidosos. Quando a questão é Ginástica Olímpica o Brasil é referência na produção de excelentes atletas, quem não conhece Dayane dos Santos, Jade Barbosa, Daniele e Diego Hipólito?

Para obter bons resultados, esses atletas tiveram que treinar incansavelmente os fundamentos da ginástica, que exigem um ritmo de treinamento muito forte.

Segundo a acadêmica de Educação Física do segundo semestre da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Suze Ormond, de 22 anos, desde os princípios, a Ginástica Olímpica procurava pessoas que tivessem mais facilidade para praticar esse esporte. "Desde o histórico de toda Ginástica Olímpica, buscavam-se seres mais habilidosos, que tivessem melhor qualidade de vida, e a Ginástica Olímpica você tem que ter muita força nos membros superiores, porque o básico da ginástica são membros superiores e abdômen," explica Suze.

Para a acadêmica, um dos fatores que contribui para que esse esporte não seja tão popular, é que o mesmo é muito caro. "A gente encontra muita difi-

culdade porque os aparelhos são muito caros, a Ginástica Olímpica é mistificada por que ela parece muito difícil e inatingível", conta.

Para a presidente da Federação de Ginástica de Mato Grosso do Sul, Saritta de Mendonça Baciotti, a principal dificuldade da ginástica em Campo Grande é a falta de espaço para que o esporte possa se expandir. "A ginástica se concentra em Campo Grande, no centro de treinamento, e esse ano a gente deve implantar mais um pólo, e o que nós precisamos hoje é que tenha ginástica em vários lugares, e para que isso aconteça é preciso que tenha profissional e material para vários lugares. O centro de treinamento está inchado, ele precisa expandir, então precisa de outros lugares para a ginástica", explica.

Segundo Suze, a falta de patrocínio no Estado é o fator que contribui para o atraso desse esporte. "Todo esporte de alto rendimento o patrocínio ajuda muito. Os atletas têm despesas com hotel, alimentação, de material. Por exemplo, o ginasta tem que ter magnésio, sapatilha, colã, ele também tem que ter cama elástica, colchonete, colchão gordo e traves, uma trave boa custa em média R\$ 60 mil. Então o patrocínio faz com que o atleta tenha um estímulo novo pra continuar competindo, e ele faz com que o atleta realmente tenha condição de competir em nível nacional, porque o brasileiro tem potencial muito grande e ele



precisa de estímulo", explica.

Segundo a presidente da Federação de Ginástica de Mato Grosso do Sul, Saritta de Mendonça Baciotti, a principal dificuldade da ginástica em Campo Grande é a falta de espaço para que o esporte possa se expandir. "A ginástica se concentra em Campo Grande, no centro de treinamento, e esse ano a gente deve implantar mais um pólo, e o que nós precisamos hoje é que tenha ginástica em vários lugares, e para que isso aconteça é preciso que tenha profissional e material para vários lugares. O centro de treinamento está inchado, ele precisa expandir, então precisa de outros lugares para a ginástica", explica.

Projetos

Campo Grande tem um projeto de ginástica de iniciação visando o alto rendimento, as crianças são preparadas desde pequeninas com o objetivo de formar equipes para representar o Es-

tado. A Federação de Ginástica de Mato Grosso do Sul, em parceria com a Fundação Municipal de Esporte (Funesp), possui um centro de treinamento onde as crianças buscam o alto rendimento. Segundo a presidente da Federação, Sarita de Mendonça Baciotti, o objetivo do projeto é que Campo Grande possa futuramente se tornar uma potência nacional na ginástica. "É a nossa intenção, a gente começa a colher os resultados em no mínimo dois, três anos. Esse ano nós já teremos uma equipe pré-infantil no campeonato brasileiro, no ano passado a gente tinha uma infantil, então nós estamos entrando nos campeonatos brasileiros mais cedo, isso significa que nós já entramos no hall da ginástica nacional", explica Sarita.

Para o ginasta Rafael Domingos, a importância desse projeto, é porque ele pode descobrir futuros profissionais na área da ginástica. "Os atletas que treinam aqui estão participando de olimpíadas, jogos pan-americanos, e aqui mesmo já tem muitas crianças que participam de campeonatos de nível nacional, projetos como esse são importantes para divulgar a ginástica, por que em Campo Grande o esporte é pouco divulgado", ressalta.

Apaixonados transformam bikes em Máquinas

Ulisflávio Evangelista

Emoção em duas rodas. Assim podem ser definidas as horas em que o cirurgião-dentista Adolfo Mateo Magariños Soares, de 26 anos, passa junto da sua magrela nas trilhas pelo Estado de Mato Grosso do Sul. Praticante de esportes radicais,

Adolfo iniciou nas trilhas em 2004. Ele lembra que no começo contava com uma simples bicicleta, mas, com o passar do tempo, o "brinquedinho" foi ganhando ares de avião de ponta e, hoje, possui uma bicicleta que vale em torno de R\$ 8 mil.

"A minha bicicleta hoje, se a gente fizer um comparativo com carro, equivale a um modelo importado esportivo, ela tem freio a disco hidráulico, suspensão a ar, 27 marchas, etc.", explica Adolfo.

É claro que o praticante inicial não precisa investir tanto dinheiro, ele pode começar por itens mais básicos e, aos poucos, ir montando a sua máquina. "Com aproximadamente R\$ 2 mil você pode começar nas trilhas", afirma Adolfo.

E como faz para montar a bicicle-

ta? Adolfo garante que com o recurso da internet tudo ficou mais fácil. "Hoje a gente pode contar com vários sites confiáveis, podemos fazer pesquisa de preços e comprar as peças, é tudo rápido e seguro". Agora o que não pode esquecer são itens de segurança. "É importante lembrar que as bicicletas, dependendo do terreno, podem alcançar alta velocidade, por isso, capacete, luvas, óculos, sapatilha e bermudas acolchoadas são essenciais", garante o trilheiro. Nesse mercado esportivo, opções é o que não faltam, e quem sai lucrando com isso é o empresário do setor, que oferece várias opções de qualidade e preço.

Aventura

O grupo de trilheiros se reúne geralmente aos finais de semana. É uma

turma grande e bem animada. A proposta é contemplar a natureza junto com a bike e, claro, exercitar a mente e o corpo. O grupo percorre uma média de 40 a 50 quilômetros por trecho, mantendo uma média de velocidade de 20 km/h, o trajeto é completado em quatro horas.

"A gente procura fazer os trajetos em vias vicinais, percorrendo também outras cidades, como Sidrolândia, Terenos, Aquidauana e até Bodoquena", esclarece o dentista. Para manter o condicionamento físico, alguns realizam treinamentos também duas vezes por semana, nas terças e quintas-feiras, em Campo Grande, geralmente no Parque dos Poderes.



Paixão - Em busca de emoção e adrenalina o esporte reúne cada vez mais adeptos no kartódromo de Campo Grande, embora a prática do Kart tenha um custo alto

Kart

Sem patrocínio, amadores e profissionais do esporte investem em suas máquinas em busca de reconhecimento

SINAL VERDE para o AUTOMOBILISMO sonho do

Elaine Prado

Há 25 anos existente em Campo Grande, o Kart tem uma boa repercussão entre atletas na Capital de Mato Grosso do Sul. Mesmo sendo um esporte com pouca ajuda financeira por parte do governo e também por exigir muito de quem pratica, no aspecto financeiro, nota-se uma grande animação dos atletas, mesmo aqueles que praticam apenas por hobby.

Desde o surgimento do espor-

te os campeonatos aconteciam. "Em apenas uma corrida já tivemos 42 inscritos. Há bastante interesse no esporte aqui no Estado", afirma Waldemir Dias Terra. Ele é presidente da Federação de Automobilismo de Mato Grosso do Sul (FAMS) e afirma não ter nenhum apoio governamental. O kartódromo onde os pilotos treinam e também onde ocorrem eventos direcionados a essa modalidade é da própria Federação, e não uma propriedade da Prefeitura como muitos pensam. Algumas vezes eles contam com ajuda em épocas de campeonatos, aparecem pa-

trocinadores, mas nunca o suficiente. A Prefeitura também oferece alguns serviços, como limpeza.

"O kartódromo é particular da Federação. Às vezes a Prefeitura manda cortar a grama, mas nunca tem patrocínio. A verba vem da própria Federação e tem o 'patrocínio', afirma o presidente Waldemir.

Para se tornar um profissional é necessário apenas treino, participar de campeonatos para ganhar experiência, não há uma escola para ensinar quem possa se interessar. Os atletas que têm interesse podem contar com a ajuda

dos mais antigos na modalidade. "Quando vão para o kartódromo, às vezes há piloto que se disponibiliza a ensinar. Para se tornar um profissional é preciso correr em campeonatos fora, treinar, participar de brasileiros", dá a dica Waldemir.

Há aqueles que praticam sem compromisso, por hobby. Humberto Marcos Moretto Neto, de 24 anos e Douglas Christopher Brandão, de 20, são estudantes do curso de Engenharia Mecatrônica e precisaram fazer um projeto exigido pela faculdade. Foi a partir daí que surgiu o interesse pelo esporte. Eles possuem o próprio Kart e o curso que fazem permite que eles próprios façam a manutenção do equipamento.

"Comecei a mexer por hobby pois o esporte é muito caro, o custo é bem elevado. Mesmo não sendo profissional temos muitos gastos", afirma Humberto, que não faz parte da Federação de Automobilismo. "Gostei do esporte e passei a correr, mas apenas por diversão mesmo", conta o estudante Douglas.

O presidente da FAMS explica que as categorias são divididas por idade e não por profissional ou amador. E para se filiar à Federação é preciso pagar uma taxa apenas para colaborar com os gastos, que segundo Waldemir são muitos, pois é preciso pagar funcionários, e também as contas de água e luz, que é o básico das despesas.

Curso de extensão
Etiqueta, Cerimonial e Protocolo
Prof. Me. Adriana El Daher

Valor do curso
R\$200,00 - comunidade UCDB
R\$250,00 - comunidade externa
Formas de pagamento: 3x no cartão ou 1+2 no cheque.

Famas
Todas as quartas-feiras, de agosto a setembro, das 19h às 23h.
Local: UCDB Centro - Rua Barão do Rio Branco, 1811
Carga horária: total: 45h (teórico: 35h / práticas: 10h)

Descontos especiais para grupos
Incluso: material de apoio, coffee-break e certificado

www.ucdb.br/extensaoacademica

Profissionalismo e velocidade na apresentação de wheeling

SHOW de coragem e habilidade sobre RODAS

Thayssa Maluf

Cheiro de gasolina, ronco dos motores e sabor de adrenalina, tudo isso você encontra no Wheeling, um esporte que envolve manobras radicais e velocidade em cima de duas rodas. Segundo o líder da equipe Style, Jean de Souza, essa modalidade foi trazida da Europa para o Brasil por volta dos anos 80. Na época o esporte era conhecido como "speed wheeling", um tipo de prova de arrancada onde os pilotos vinham com a moto empinada, apoiados em apenas uma roda e em alta velocidade. O tempo foi passando e os brasileiros começaram a se aperfeiçoar nesse esporte e a executar manobras em baixa velocidade. Foi aí que tiveram início os primeiros campeonatos de Wheeling, onde o que vale é a habilidade e a capacidade dos competidores em executar vários tipos de manobras com uma roda.

"É adrenalina pura, minha mãe já foi até assistir uma vez, mas ela disse que se depender dela ela não assiste mais", diz o praticante de Wheeling, Eraldo da Silva, de 27 anos, que há cinco anos convive com essa adrenalina.

Hoje vários jovens que pilotam uma motocicleta sabem o que é empinar, mas poucos têm consciência de que isso é um esporte e um esporte muito bem reconhecido.

Em Mato Grosso do Sul existe apenas uma equipe dessa modalidade é a Equipe Style, a única que possui estrutura profissional para a prática do esporte e também para fazer apresen-

tações em locais públicos. A equipe conta com estrutura própria e completa para prática do Wheeling, com um ônibus Scania 113, utilizado para a locomoção dos integrantes da equipe, cinco motos de 125 a 954 cilindradas as CBR 954 RR, Hornet 600, NX 4 Falcon, Twister 250 e CR 125, sonorização digital completa para locução das manobras, iluminação, grades de isolamento para a pista, gerador de energia, rampa para realização de saltos e materiais necessários para as apresentações da equipe com segurança como cotoveleiras especiais, joelheiras, luvas, macacão e capacetes.

"A equipe tem muitos gastos como pneus, são dois pneus pra cada moto por show, não é barato. Esse ônibus, por exemplo, é uma família. Tem manutenção, gasolina, enfim são muitos gastos mesmo, não é um esporte barato de se manter, tem membros da equipe que tem outro serviço durante a semana, mas com nosso esforço e com a ajuda de patrocínio a equipe vem se mantendo", afirma o administrador e líder da equipe Jean de Souza.

Segurança

Wheeling é uma modalidade que exige sincronismo do piloto e da motocicleta, já que um erro pode causar uma bela queda. "O principal é muito treino, sempre saber o que você está fazendo e nunca deixar de utilizar o equipamento apropriado. Esses equipamentos não são só para os campeonatos, são também para qual-

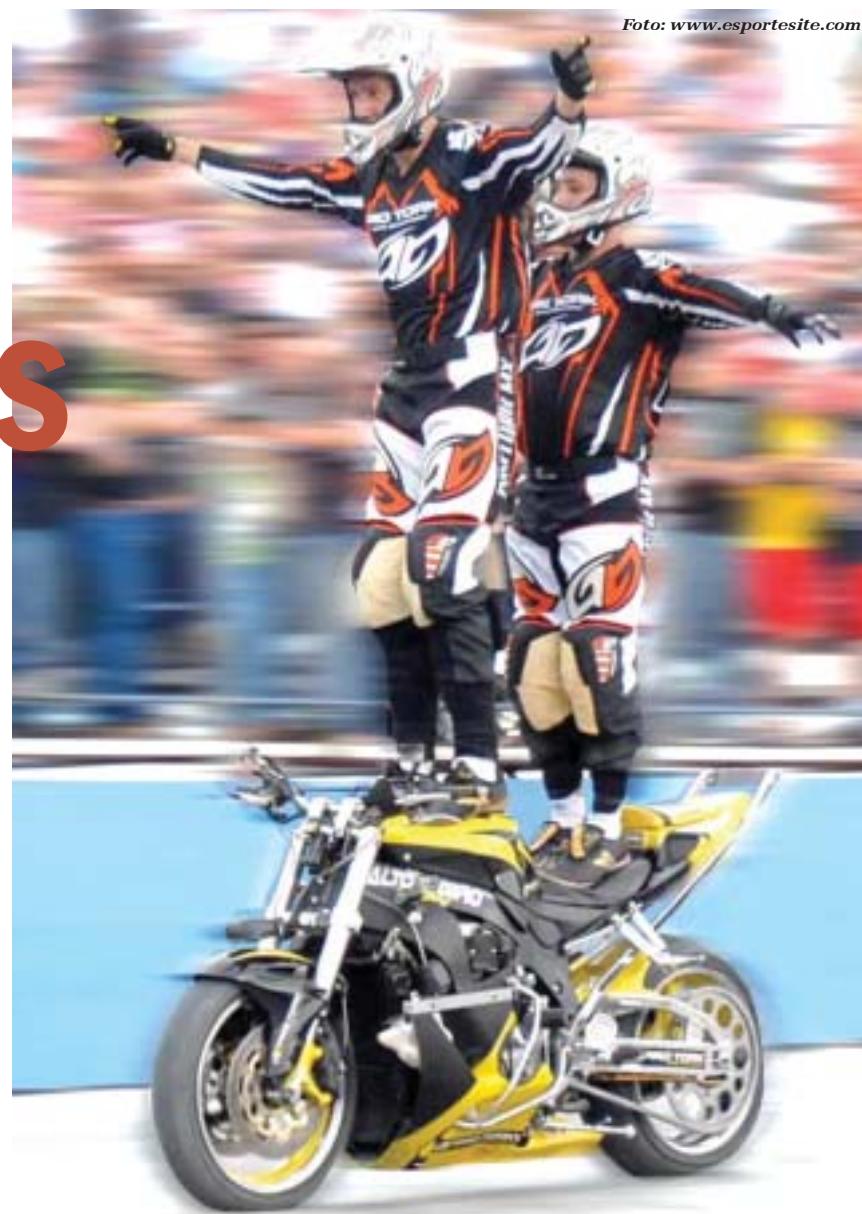


Foto: www.esportesite.com

Manobras - Consciência e equipamentos de segurança garantem show radical

quer apresentação que iremos fazer, praticar sempre em lugar reservado como um estacionamento, uma rua sem saída, de preferência com autorização porque se alguma autoridade de trânsito pegar, isso pode ser autuado como direção perigosa", ressalta Wender Caxias, integrante da equipe Style e praticante de Wheeling há dez anos.

As motos potentes são modificadas pelos praticantes, cada um conhece sua máquina e confia no equipamento. "Algumas peças nós troca-

mos como carburadores, entradas de ar, tudo para melhorar nosso desempenho", explica Leandro Sandim, mais conhecido como "Boca" que começou na equipe Style com apenas 18 anos.

"O Wheeling sendo praticado com responsabilidade não oferece risco algum. As manobras são de baixa velocidade, você desafia o seu próprio medo. É muito bom, só você e a máquina, bem menos perigoso do que tirar rachas em vias públicas" finaliza Jean.

2ª Turma

Ministrante:
Profa. Ma. Rosemary Candil

Data:
2/8 a 1º /11/2008 - aos sábados

Horário:
7h30 às 12h e das 14h às 18h

Valor: 220,00



Curso de Extensão Acadêmica

Tecnologia em Gastronomia

► VAGAS LIMITADAS

www.ucdb.br/extensaoacademica



Foto: www.guiadeesportes.com.br



Saque - Atletas do vôlei de praia treinam para chegar às Olímpiadas de Pequim

Vôlei de praia

Mesmo sem praia, a Capital Morena sedia campeonato de vôlei

As DUPLAS que INVA

Talita Oliveira

Cidade Morena com vôlei de praia? Parece ser um fato estranho que acontece, não é mesmo, mas os limites são superados em um lugar sem mar. Além do céu azul, a areia branca trazida do interior do Estado de Mato Grosso do Sul também compõe o estilo para o local ficar com o jeitinho de praia. Os competidores contam sua rotina entre treinamentos e vida pessoal, e a torcida entra no clima do esporte.

Com 11 etapas sediadas na Capital, a competição já faz grande sucesso todos os anos, a iniciativa é da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) junto com o Banco do Brasil.

Segundo o responsável pela produção do circuito de voleibol, Marcos Dunlop a arena montada todos os anos no Parque das Nações Indígenas tem a capacidade para 1,3 mil pessoas. O torneio conta com 48 atletas sendo 24 femininos e 24 masculinos. A dupla que ganhar em primeiro lugar no circuito recebe o prêmio em dinheiro no valor de R\$ 22 mil, mas todas as duplas que

entram no torneio principal recebem gradativamente a premiação em dinheiro, de acordo com posição que ficam.

Atletas que suam a camisa para estar dentro desse circuito do Banco do Brasil comentam sobre o que enfrentam no dia-a-dia para estar em todas as competições. O competidor Hevaldo André Sábio Moreira, de 28 anos, treina desde 2001. Atualmente mora em Fortaleza, e falou de sua rotina: "acordo às 6h e 30 min, aí tomo meu café da manhã, treino das 8h e 30 min até as 11h, depois volto para casa e almoço, vou para academia às 15h e 30 min até as 17h, logo vem a parte física das 17h até 18h e 30 min".

Profissional de Educação Física e atleta, Rodrigo Sauders, de 27 anos, disse que treina há 7 anos, "de segunda a sexta treinamos três vezes ao dia com bola, depois vem a parte física e por último a musculação", comentou.

A mesma rotina faz parte da vida da dupla Mauro Nogueira, de 31 anos, e Antônio Urbaniski, o Toninho, de 32 anos, que treina há 5 anos. "Todos os anos participei do circuito, mas para estar aqui acordo e já vou treinar das



Círculo - O vôlei de praia tem espaço garantido em Campo Grande para os jogadores de todo o

lei de areia onde os competidores dão exemplo de superação

ADIRAM a nossa PRAIA

8h até 10h, descanso um pouco, aí vou para academia lá das 15h as 16h e treinamento físico que é a corrida, a preparação com movimento do vôlei sem bola das 17h as 18h”, declararam os jogadores de Mato Grosso do Sul.

A dupla feminina Mazzé e Maira, que também representa o Estado, entra em um acordo e treinam seis vezes por semana mais a academia. Mazzé divide o seu trabalho de professora de Educação Física com os treinos e Maira com 20 anos de vôlei e 13 anos de vôlei de areia, concilia os treinos com a profissão de árbitra do esporte. “Revezo minha vida jogando, trabalhando, e cuidando das minhas duas filhas”.

No meio do torneio o frio na barriga aparece, o coração bate acelerado, a ansiedade e a adrenalina sobem. Por isso os jogadores se sentem mais a vontade no meio do jogo e satisfeitos quando ganham a partida, mas mesmo com o jogo perdido eles ficam felizes de fazer uma boa disputa. “Os primeiros pontos sempre tem o frio na barriga, bate o coração mais rápido por causa da ansiedade”, afirmou Heraldo.

Foto: www.esportesite.com.br

De acordo com Mauro, que faz dupla com Toninho, já passaram deste estágio de nervosismo, mas sempre há a tensão no jogo.

Conforme o árbitro Mario Feno do Distrito Federal, a idéia é que a partida comece bem e termine melhor ainda, e define o nervosismo dos árbitros. “Lá na arena estamos apitando a profissão dos caras, tensão sempre tem, devemos ter responsabilidade na hora das partidas”.

Já o árbitro Marcio Paes, de Mato Grosso do Sul, evidencia que árbitros são ao mesmo tempo bombeiros, psicólogos e negociadores, por isso nem os árbitros e atletas devem ter mágoas dos jogos antigos porque atrapalha as partidas seguintes, mas a convivência com os atletas é melhor e bem acessível, pois ficam no mesmo ambiente, no mesmo hotel quando viajam.

A equipe médica, psicólogos e treinadores ajuda os competidores a se sobressaírem na hora da disputa.

A dupla de Hevaldo Moreira tem um preparador físico, um técnico, um auxiliar técnico, um fisioterapeuta, e cada um com um psicólogo e admite “em 2006 foi a melhor época com treinamentos e sessões psicológicas, porque este ano estamos um pouco ruim, sem psicóloga, ainda tive uma contusão no joelho, mas nosso objetivo é no 2º semestre, pois o meu joelho vai estar melhor”.

O supervisor técnico Valmir Rabel constata que ele e a equipe fazem avaliação. “A gente avalia o condicionamento físico dos atletas para verificar o tipo de treinamento que eles devem ter, se precisa aumentar ou diminuir o treinamento”.

“Temos tratamentos físicos massagens e acompanhamento nutricional”, contou Mauro Nogueira e ressalta a necessidade de uma dieta bem controlada. Ele completa que treina o ano inteiro, mas nunca teve contusões na vida e conta sorrindo que nunca gostaria de ter.

Já Mazzé machucou o ombro, e ficou com dor dois anos, mas fortaleceu com ajuda de personal trainer na academia, hoje se encontra melhor.

Maira, dupla de Mazzé, tem duas torções no joelho esquerdo, mas diz jogar sem problemas, porque faz um bom tratamento, além de cuidar do corpo. E admite “temos que comer muita salada, frango, líquido durante as competi-



Elas - A equipe feminina de vôlei de areia mostra que tem mais do que beleza

ções, porque estamos diretamente expostas ao sol, temos que cuidar da saúde, dormir cedo, por exemplo, deixar de comer gordura, pois quem treina na área não é gordo”.

Os jogadores precisam do apoio familiar para se manter jogando com tranquilidade e esperança de vencer e comemorar os títulos ganhos para a própria casa.

“Estou há duas semanas fora de casa, eu não sinto muita diferença porque já me acostumei ficar longe da família, para quem fica três meses na Europa, no Brasil é ótimo porque fico só duas semanas longe da família”, revelou Hevaldo André Sabino Moreira. E apresenta a dificuldade pela rotina fora de casa, pois muda os horários em relação a treinamentos, academia, porque tem de esperar para encaixar as escalas com outras duplas para realizar os treinos diários.

Para Rodrigo Saunders o jogo já se tornou íntimo da família, a esposa dele também joga vôlei de praia, mas neste sediado em Campo Grande ela não pôde comparecer por causa da verba curta, a desvantagem de jogar em família é o dinheiro, por ter de bancar todas as viagens, pois estão sem patrocínio.

“A gente tem que conciliar tudo, as minhas filhas crescem me vendo jogar e elas já estão acostumadas, este é o terceiro circuito que participo em Campo Grande, mas já fui para Florianópolis, Foz do Iguaçu para fazer eliminatória deste campeonato”, comentou a jogadora Maira.

Apesar de o sonho ser enorme de irem para as Olimpíadas, os garotos de bermudas, camisetas regata, chinelo

nos pés que parecem até meninos, que apenas gostam de brincar na areia, levam todo este entretenimento a sério.

O atleta Rodrigo Saunders já jogou no Mundial, e faz dois anos que é campeão italiano, e não só o dele, como de todo atleta de ir para as Olimpíadas, e pretende melhorar cada vez mais.

O supervisor técnico Valmir Rabel espera nos circuitos colher resultados positivos, em cada etapa tenho que saber como os jogadores estão se desempenhando e surge esperança de respostas para depois reduzir os erros deles.

Alguns competidores pensam no jogo momentâneo, e não deixam de sonhar um pouco mais.

“Só por estar jogando em casa já é bom, espero chegar à final dos circuitos de Campo Grande, este é o nosso objetivo, ainda mais que estamos jogando em casa, a torcida prestigia bastante e isso ajuda para chegar à conquista da vitória, mas quero chegar às olimpíadas” acredita Mauro Nogueira.

Durante o campeonato, Mazzé só pensava em ganhar de Renata e Talita e confessa em focar sempre no hoje, e representar o Estado, e ressalta cada jogo é uma história.

“O meu sonho é estar rodando nos circuitos, treinar, jogar sempre para estar no ritmo das adversárias”, contou Maira. Mesmo sem praia a Capital consegue montar um circuito como se fosse à beira mar.



o país que se empenham para conquistar a vitória



Taekwon-Do

Esta arte marcial milenar que mistura luta e filosofia chegou há 38 anos no Brasil

Pelo caminho da Mente

Foto: www.academiacafabiocosta.com.br

Thiago Andrade

Taekwon-Do é uma palavra coreana e significa “caminho dos pés e das mãos através da mente”. A arte marcial que leva esse nome surgiu na região onde hoje se encontram a Coréia do Sul e do Norte há aproximadamente dois mil anos. Como todas as artes de luta orientais, o Taekwon-Do une ensinamentos filosóficos às práticas de luta.

Como explica o professor Fábio Costa, o Taekwon-Do é uma maneira de se desenvolver física, espiritual e mentalmente a partir da disciplina e força que o esporte exige. “Além do condicionamento físico, o esporte desenvolve a mente e a memória, a coordenação motora e a atenção”, expõe Fábio.

Diogo Bernardelli, de 21 anos, praticante de Taekwon-Do há cerca de um ano, afirma que

o esporte o levou a um desenvolvimento muito grande. “Tanto no sentido físico, com uma melhora considerável nos meus reflexos, resistência e velocidade, como psicologicamente, melhorando minha auto-estima e auto-confiança”, afirmou Diogo.

A técnica de luta chegou ao Brasil em 1970, trazida pelo mestre Sang Min Cho. São Paulo foi o primeiro Estado a receber academias, que então se espalharam por todo o país.

Fábio Costa conta que o esporte chegou ao Mato Grosso do Sul em 1977, trazido pelo mestre Amadeu Dias Moura, que criou uma academia em Corumbá. “Já a Federação de Taekwon-Do de Mato Grosso do Sul surgiu apenas em 1995, pois a criação da Federação estava relacionada à criação da Confederação Brasileira de Taekwon-Do que demorou pra surgir”, conclui Fábio.

Segundo Diogo Bernardelli, com a criação da Federação, o esporte passou a ser encarado de maneira mais séria. O governo de Mato Grosso do Sul, através da Fundação de Desporto e Lazer (Fundesporte), apóia alguns campeonatos no Estado. “Os campeonatos são organizados pelos mestres e alguns



Equilíbrio - Praticantes do Taekwon-Do desenvolvem as áreas física, mental e espiritual

professores, como é o caso do Fábio. Às vezes, a Federação também organiza alguns eventos, mas geralmente, ela entra apenas como apoiadora”.

O Taekwon-Do é responsável por grandes mudanças na vida de seus praticantes. Este é o caso de Iesa Resende, de 12 anos, que pratica o Taekwon-Do há dois meses e meio e

afirma que a arte marcial tornou-a mais confiante e segura, além de tornar sua vida mais saudável. “Antes eu comia de tudo, agora procuro me alimentar de forma mais saudável pra ter um melhor desempenho”. Ivan Pielke, de 21 anos, treina Taekwon-Do há cinco meses e afirma: “o Taekwon-Do me tornou macho”.

Cursos superiores via internet

Inscrições abertas
até 28 de julho

- Gestão Ambiental 2 anos*
- Gestão Financeira 2 anos*
- Gestão Pública 2 anos*
- Negócios Imobiliários 2 anos*
- Ciências Contábeis 4 anos**

Educação a distância com a qualidade
UCDB
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Informações e inscrições:

• 0800 647 3335

www.ead.ucdb.br





Foto: Jairo Gonçalves

Talentos - Josiene Botelho, 18 anos, campeã brasileira em 2005, luta com o mestre Henri Martinez, que trouxe o esporte para o Estado

Kenpo

Criado na década de 50 por um havaiano, este esporte engloba o melhor de diversas lutas

O jeito HAVAIANO de lutar

Jairo Gonçalves

Motivados por ídolos do cinema como Bruce Lee, Jet Li, Van Damme, Chuck Norris e Jackie Chan, muitas pessoas buscam nas artes marciais resistência física, habilidades de luta e segurança pessoal. Por isso é cada vez maior a procura nas academias, tanto por homens quanto por mulheres, pela prática de uma arte marcial, tal como boxe, judô, jiu jitsu, karatê, kung fu e entre estas, o kenpo havaiano, que reúne estilos de diferentes modalidades de artes marciais.

Esta modalidade foi criada nos Estados Unidos pelo grão mestre Bill Ryusaki, filho de imigrantes japoneses, nascido no Hawaii, na ilha Kamuela. Bill teve o judô e kenpo como artes marciais de berço, através de aulas com

o pai que ensinava karatê shotokan. Na década de 50, na Califórnia, Estados Unidos, dentre as modalidades existentes, buscou ele próprio criar uma que oferecesse maior possibilidade de defesa pessoal. Nascia então o kenpo havaiano.

Desenvolvido para ser o mais completo possível para a defesa pessoal e diminuir a possibilidade de erros, o kenpo havaiano reúne como técnica a força do boxe, através dos punhos; a arte de desequilibrar o adversário, do judô; a energia do inimigo contra ele próprio, do aikidô; a imobilização do jiu jitsu; golpes e chutes diretos, do karatê; golpes circulares e autodefesa de desvios, do kung fu e a luta com espada, a esgrima japonesa (katana), do kenpo. Por esta razão o kenpo havaiano foi se espalhando pelo mundo como

arte marcial completa de autodefesa, sendo muito utilizada em treinamentos de policiais e militares.

No Brasil e na América do Sul, esta arte teve início no ano de 1994, trazida pelo mestre Roger Chedid, formado nos Estados Unidos com o próprio Bill Ryusaki, que passou a ministrar aulas de kenpo havaiano no Círculo Militar de São Paulo. Deste então muitos mestres de artes marciais do país passaram a buscar formação na modalidade, divulgando em seus Estados.

Além da defesa pessoal e fortalecimento de resistência muscular e cardíaca, o kenpo havaiano trabalha o equilíbrio emocional do homem, segundo o mestre Henri Martinez, quem trouxe para Mato Grosso do Sul a modalidade em 1996.

"Por ser uma arte completa ela inte-

gra o homem consigo mesmo, trabalhando o físico, o emocional, mental e espiritual, ensinando a lidar com os limites, desafiando a si próprio", destaca o sansei Martinez.

A Associação Atlética Dojô Carvalho é a única academia em Mato Grosso do Sul desta modalidade e vem revelando talentos no cenário de competições ao nível nacional. Dentro eles destaca-se Josiene Botelho Aguiar, de 18 anos, que irá este ano receber a faixa preta do esporte. Ela já foi campeã brasileira em 2005, vice-campeã em 2006, na modalidade de defesa pessoal mista. Além de campeã em kata (modalidade de arte marcial dentro do kenpo), em 2007 e no mesmo ano vice-campeã em luta.

Josiene treina desde os 12 anos de idade e lembra que ainda criança, os filmes foram sua inspiração. "No início foi por gostar mesmo, mas depois, com o apoio da família, passei a treinar para competições. Eu era muito ansiosa e o kenpo me trouxe tranquilidade, disciplina e persistência", destaca a representante feminina do Estado no cenário nacional.

No masculino, Jean Canhete, de 29 anos, que já tem em seu currículo outras modalidades de artes marciais, também vem conquistando títulos para o Estado. Em 2005 ele foi o terceiro colocado em luta e em 2006 foi vice-campeão em defesa pessoal. Este ano, Jean que treina kenpo desde 2004, também recebe a faixa preta do esporte havaiano.

"O kenpo trouxe pra mim muita elasticidade, ajudou no alongamento e fortalecimento cardiovascular, além de ser prático, levando à disciplina", ressalta Marcos Maravieski, de 24 anos, que teve seu primeiro contato com o esporte em São Paulo e há um ano treina na Associação Atlética Dojô Carvalho, em Campo Grande.

Segundo o professor Henri Martinez, no próximo semestre, Josiene e Jean receberão a faixa preta do próprio criador da modalidade, o grão mestre Bill Ryusaki, que hoje viaja o mundo divulgando o esporte e também trabalha como ator e dublê em filmes que tenham artes marciais, produzidos nos Estados Unidos. Dentro eles, Bill já participou em Karatê Kid II, Robocop II e III, Loucademia de Polícia II, Soldado Universal e Rambo II.



Undokai

Gincana esportiva reuniu japoneses e descendentes em evento de comemoração aos 100 anos de imigração

COMPETIÇÃO em ritmo ORIENTAL

Alysson Maruyama

O Undokai é uma gincana esportiva japonesa que tem como principal objetivo promover a integração e a confraternização entre as gerações de famílias dessa cultura milenar. Em Campo Grande, a terceira Capital brasileira em número de descendentes japoneses, essa festa já é tradição. Nesse ano em que se comemora no Brasil o centenário da imigração japonesa foi realizada na Associação Esportiva e Cultural Nipo-brasileira, a 23º edição do evento.

Nas provas todas as pessoas, desde crianças que já sabem andar até idosos, podem participar. Elas variam desde a brincadeira do cabo de guerra, onde equipes disputam qual é a mais forte, até corrida de revezamento entre as gerações da família. "Esta foi primeira vez que participei deste evento, trouxe meus filhos pequenos que também adoraram. Eles ficaram empolgados, pois a cada competição tem uma entrega de prêmios, como lápis e canetas", diz a comerciante Sandra Kato.

O professor de Educação Física Eduardo Lemes foi prestigar o evento junto com sua namorada, que é bisneta de japoneses. Esse ano foi a

terceira vez que ele participou da competição que possibilita a prática de exercícios físicos e a reunião familiar. "Esse tipo de evento é bacana pois toda a família pode se exercitar juntos, desde o caçula, até o ditian (avô em japonês). Mas é importante lembrar que a prática de exercícios físicos deve ser feita periodicamente", comenta. Ele ainda dá a dica que assim como no Undokai, as pessoas podem se reunir em família para essas práticas esportivas no dia-a-dia, o que torna o momento mais agradável.

"Minha avó ficou um tempão ontem a noite preparando nosso bentô (lanche) para hoje. A gente brinca e corre bastante, por isso precisamos sempre recarregar as energias", diz o estudante Carlos Matsubara de 12 anos. No local, além do vasto campo onde são realizadas as atividades, tem também a praça de alimentação com a venda de comidas típicas e um local disposto com mesas e cadeiras para o descanso dos participantes.

Com uma duração de mais ou menos oito horas, o Undokai proporciona além da confraternização e a oportunidade de relembrar a tradição da cultura, a oportunidade de pessoas com o pouco tempo, praticarem nem que seja um pouco de exercício físico. "Com a correria do trabalho atendendo meus clientes não consigo realizar nenhuma prática esportiva, não sou descendente

mas todos os anos compareço ao Undokai. Uma porque posso correr um pouquinho e outra porque sou simpati-

zante dessa cultura tão bonita", afirma a representante de vendas Ana Carolina Ferraz.

Karatê no Jardim Noroeste

Keila Carvalho

Projeto voluntário tendo em vista campeonatos de Karatê mobiliza moradores do Bairro Jardim Noroeste. Este trabalho dirigido para crianças e adolescentes funciona de segunda a sexta-feira no Centro Educacional Infantil e Adolescentes (C.E.I.A).

"A disciplina é pensando no futuro como a educação, tem que estar bem na escola para estar bem no projeto", diz o professor Luciano Oliveira dos Santos.

"Aqui é legal, fazemos amigos e somos educados para nos ajudar também", completa Ester de Jesus Lima, de 8 anos.

O professor Luciano explica que "durante três dias na semana visamos o esporte e a saúde, para as crianças crescerem com estruturas que os imune de doenças como gripe, problema de coração e outras".

Competições no bairro Aero Rancho, Jardim das Hortências, onde ganharam troféu, medalhas e reconheci-

mento do estado pela Fundação de Esporte (Fundesporte), diz orgulhoso o coordenador, Pedro Paulo, diretor da unidade.

"É difícil trabalhar com várias crianças, mas vale a pena a recompensa, pois nas competições eu vejo o resultado do trabalho e da educação individual, pois conversamos bastante com eles sobre comportamento em casa, com os coleguinhas e desempenho no que fazem", conclui o professor.

No decorrer de quatro meses há trocas de faixas que representam a valorização de responsabilidade da academia nas seguintes cores: branca, amarela, laranja, azul, verde, roxa, marrom e preta, graduações em japonês como Dan.

"Gosto de aprender o Karatê e também a guarda na luta", diz a estudante Celiomar São Caetano, de 10 anos. Com início do projeto no ano de 2002, surgiram colaboradores como Grupo de Empresários da UFMS, Colégio Atenas, Mesa Brasil (SESC).

Adeptos precisam de dedicação exclusiva para obter sucesso

Disciplina e obediência no aprendizado

Fernanda Kury

Ringue, socos e dois competidores. Parece uma típica luta de boxe, mas na verdade o esporte praticado é o Muay Thai. De origem tailandesa é utilizado além dos punhos, os joelhos, pés e cotovelos para a prática dessa modalidade. O que pode aparentar um esporte violento na verdade é uma maneira de se defender, sem deixar de lado a disciplina, presente nos treinamentos e base principal para o sucesso e bom desempenho do atleta.

Para o instrutor Hiroshi Yonamine Junior, de 20 anos, que há dois anos dá aulas na academia Octagonon Muay Thai, a disciplina e respeito entre os colegas é a cobrança principal nas aulas. Segundo Hiroshi, se o aluno não tem consciência de se manter disciplinado, atento às instruções e técnicas para que não haja machucados durante os treinos, ele não conseguirá praticar o Muay Thai com sabedoria.

“Esse esporte por ter um contato bem próximo entre os competidores,

você acaba se machucando uma vez ou outra. Mas a pessoa precisa ter consciência que o que importa são as técnicas e sair batendo no adversário achando que vai ganhar não pode. Pois aqui, no Muay Thai, diferente do Taekondo, você luta por nocaute e não para ganhar pontos. Mas acima de tudo é preciso respeito e disciplina”, explica Hiroshi.

Muay Thai significa arte marcial, no seu país de origem o objetivo era lutar pela liberdade, pois através dessa arte é que o povo tailandês podia se proteger contra seus oponentes. Com a característica que difere do boxe, o Muay Thai se utiliza fortemente de cotoveladas e joelhadas, o boxe têm somente os punhos como instrumentos. Além disso, essa arte marcial possui golpes básicos que são: punhos (mhad), chutes (dteh) os lutadores são treinados para bater sempre com a canela. A canela é a parte mais forte da perna do lutador. O pé contém muitos ossos finos e é muito mais propenso a lesões. Um lutador pode acabar se ferindo usando somente o pé como área de im-



Segurança - Shirley Marques, 37 anos, pratica Muay Thai para defesa pessoal

pacto, joelhada (kao), cotovelada (sok), defesas (pongkan) e clinchê (plam) que é aplicado prendendo-se o oponente em torno do pescoço ou em torno do corpo, eles não são separados e a luta continua com troca de joelhadas e cotoveladas.

Campeonatos dentro dessa modalidade esportiva acontecem bem menos do que na cidade de Curitiba, lá o polo do Muay Thai, o incentivo aos competidores é frequente. Hiroshi sente que a falta de apoio às competições aqui no Estado, acaba gerando desânimo para os alunos e praticantes dessa modalidade. “Meu primeiro campeonato foi em São Gabriel do Oeste, na época eu nunca tinha participado de nenhuma disputa. O meu professor me convidou para que eu pudesse testar minhas habilidades, eu fui e fiquei muito nervoso. Na hora da disputa eu soube que o meu adversário tinha há pouco tempo começado a treinar Muay Thai, e que era boxeador. Tive medo de perder, mas enfrentei o desafio. No terceiro round ele não aguentou e eu venci. Foi uma sensação maravilhosa e desde então eu treino todos os dias para que quando surgir um campeonato eu esteja lá. Não aqui em Campo Grande, até porque não temos tantos campeonatos assim, mas lá fora em outros Estados. Se tudo der certo vou para Curitiba me aperfeiçoar no Muay Thai”, conclui Hiroshi.

O acadêmico do último ano de Educação Física, Hugo d'Ávila, de 21 anos,

diz que para ele Muay Thai é muito violento. “eu vejo vídeos daqueles caras lutando, parece que estão naquelas brigas de rua. Acho que é um esporte que não tem como dizer que não é violento, meu amigo às vezes fica cheio de hematomas pelo corpo”, explica d'Ávila.

Já a praticante de Muay Thai e aluna de Hiroshi, Shirley Marques, de 37 anos, diz que o seu interesse pelo esporte foi para se defender, ter uma segurança ao andar na rua. “Eu pratico Muay Thai há um ano e antes fazia capoeira, mas vi que nesse esporte além de você aprender a ser mais segura você também emagrece. Isso é bom! Bem no começo do esporte as mulheres não podiam praticar, pois acreditavam que elas traziam azar ou era visto como um esporte violento. Hoje eu treino e vejo que se você tiver interesse pela prática do esporte como motivo de defesa e para ter uma auto-confiança maior ele não terá nada de violento. Se machucar durante os treinos é algo normal, todo esporte tem seu lado ruim. Quando você bate o dedo na ponta da cama, ela não é tida como violenta, você simplesmente não prestou atenção. No Muay Thai você tem as técnicas e os cuidados para não se machucar, caso isso aconteça é consequência”, desabafa Shirley.



Lutadores - Professor Hiroshi e seus alunos reunidos para mais um dia de treinamento

Esporte é visto como vitrine para aspirantes aos gramados

INDO ATRÁS do reconhecimento

Jackeline Oliveira

Jogar futebol é o sonho de muitos meninos e em Campo Grande torná-lo realidade não está tão longe assim, pois o futsal está com tudo na Capital, onde dois grandes eventos fazem do esporte marca registrada do Estado, a Copa Morena e a Taça Canarinho.

Grandes nomes do futebol de campo começaram suas carreiras nas quadras de futsal. Um grande exemplo é Ronaldinho Gaúcho, destaque no futebol internacional. E isso influencia e estimula muitos jogadores de futsal a tornarem-se um nome no futebol nacional e quem sabe mundial.

O Futebol de Salão nasceu na Associação Cristã de Moços, na década de 30 em Montevidéu ou na década de 40 em São Paulo, e diferente do futebol de campo, o jogo acon-

tece em uma quadra, o número de jogadores é menor. No futsal são apenas cinco jogadores, enquanto no futebol de campo o número de jogadores é 11.

As regras são diferentes também, no futsal, não existe impedimento por exemplo. "Eu prefiro futebol de campo, mas aqui no Estado, o esporte não tem muita força, então eu jogo futsal pra me dar agilidade, aí eu participo de seletivas de times em outras cidades e estados", explica o jogador Luis Henrique Foglia Valério, de 17 anos, que completa "abandonei o judô para jogar bola, isso eu tinha cinco anos".

Atletas de Campo Grande que querem crescer no esporte correm atrás de seletivas, as famosas peneiradas que times conhecidos nacionalmente fazem, e para isso se dedicam e dão o melhor nas competições do Estado. Muitos jogadores se dividem entre o futebol de campo e o futsal, como é o caso de Bruno Ricardo Mendes, de 19 anos, que joga desde os 7 anos. "Comecei em uma escolinha de futebol de campo chamada Baianinho e também jogava futsal na escolinha Mieres."



Inspiração - É comum ouvir os jogadores falarem dos seus ídolos e se espelharem neles

É comum ouvir os jogadores falarem de seus ídolos e de como se espelham neles. Luis Henrique quer que aconteça com ele o que aconteceu com Lucas de Dourados, que passou na seletiva e entrou para jogar no Grêmio e hoje joga no Liverpool. "Eu quero fazer o nome de Campo Grande também como cidade do futebol de campo e para isso eu estou correndo atrás", afirma o jogador Luis

Henrique.

Bruno que atualmente joga na Mace/Uniderp (futsal) e na seleção do Mato Grosso do Sul de Campo Grande, recebeu propostas para ir para São Paulo jogar futebol de campo profissional, conta que se espelha no Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Robinho e Cristiano Ronaldo. "Eles jogam não só como profissão e sim com o coração", afirma Bruno.



Foto: globo.com

um doce gol de COCADA

Átila Eugenio

Há quase 20 anos, mais precisamente em 23 de junho de 1988, Cocada, celebrava o momento mais glorioso de sua carreira. Hoje, aos 43 anos, passadas duas décadas, o ex-lateral direito do Vasco, formado em Educação Física, herói do título estadual de 1988, reside na cidade onde nasceu e trabalha com o que mais gosta: ensinar futebol.

"Não tenho como esquecer o gol da decisão de 88 contra o Flamengo, virou um marco na minha vida. Entrei no jogo aos 41 minutos, marquei aos 44 e

fui expulso aos 45, por tirar a camisa. Isso já faz quase 20 anos, mas as pessoas ainda se lembram desta partida quando batem pelada comigo. Agora que estou desempregado, mas com diploma de professor de Educação Física na mão, queria uma oportunidade como técnico de algum clube", afirma Cocada.

Irreverente, Cocada admite que o craque da família sempre foi o irmão mais novo, Muller (ex-São Paulo e seleção brasileira). Concorda que não tinha lá tanta habilidade e que, por isso, foi reserva na maioria dos times em que jogou. Cocada já jogou no Operário, Flamengo, Guarani, Santa Cruz, Americano, Farense (Portugal), Vasco, Fluminense, São José e Londrina, mas

o ex-lateral-direito não abre mão do reconhecimento como jogador sortudo.

"Sou uma pessoa abençoada. Não só pelo gol na decisão do Estadual de 1988, mas também por ter jogado naquele timão do Flamengo, de 1983. Imagina a história de um jovem que saiu de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, com 21 anos, para atuar ao lado do Zico, melhor jogador do mundo depois do Pelé. Foi exatamente isso que aconteceu comigo", garante Cocada, que apesar da admiração pelo maior ídolo do Flamengo, é vascaíno fervoroso.

Apelido

Antes mesmo de se tornar jogador de futebol, Luis Edmundo Lucas Correia já fazia marcação cerrada nos co-

méricanos de Campo Grande. Então com 6 anos, ele se oferecia para varrer calçadas, prestar serviços de banco e até limpar banheiros. Tudo para, no fim do dia, poder comer incontáveis pedaços do doce preferido.

"Trabalhava feito um doido e pedia para os lojistas me pagarem em coca da. Dispensava dinheiro para comer meu doce favorito. Não queria saber de almoço, lanche ou jantar. Só de coca da, da preta ainda por cima. Hoje reconheço que meu apelido não poderia ser outro", diverte-se.

No começo são trabalhados os jogos pré-esportivos, como bandeirinha e queimada, que incentivam os alunos

Gosto pelo esporte se aprende na Escola

Priscila Mota

O esporte é visto como fundamental para a saúde, sendo assim, beneficia todo o desenvolvimento. As escolas de hoje proporcionam pelo menos duas aulas por semana de algum tipo de esporte, pois consideram primordial aos seus alunos, que acabam interagindo entre si.

Antônio Carlos Mucci, de 31 anos, que há três anos leciona Educação Física, diz que “além da atividade física ser de suma importância na vida das pessoas, o esporte tem como benefício a disciplina, o trabalho em equipe e a participação em momentos decisivos, proporcionando uma melhoria no desenvolvimento motor (da criança), raciocínio, trabalho em equipe, participação e respeito às regras”, explica.

As modalidades mais trabalhadas são os jogos pré-esportivos, como queimada, bandeirinha e corrida. “Onde se trabalha a base para os esportes”, explica o professor. Segundo ele, essas modalidades



Foto: www.salesianoitajai.g12.br

Iniciantes - Nas aulas de Educação Física ocorre a iniciação dos jovens em diversos esportes como o basquetebol

acrescentam para um bom desenvolvimento motor e cognitivo, além da capacidade física e raciocínio. Os alunos têm contato com o esporte nas aulas de educação física e em oficinas de esportes oferecidas pela própria escola.

Nathali, de 6 anos, acha importan-

te praticar esportes devido aos exercícios que fazem bem para a saúde, o que mais gosta de jogar é “vôlei”. Sua amiguinha Eloyza, de 6 anos, concorda no gosto e acrescenta que faz bem a saúde porque “fica forte”. Mas o gosto varia entre as crianças. O que é bem visível é que a maioria das meninas gosta de vôlei enquanto os meninos gostam, claro, de futebol!

A professora que leciona há 15 anos em escolas da rede pública, Janete Duarte de Oliveira, de 42 anos, diz que “o esporte ajuda e faz com que a criança vá desenvolvendo a sociabilidade. Na brincadeira você consegue desenvolver tudo isso”. Ela revela que a educação esportiva acrescenta “como pessoa”, pois a criança “acaba conhecendo condições que ela era capaz de fazer”. E confirma que há uma diferença na preferência por determinados esportes quando se trata de meninos e meninas. Os primeiros optam pelo “Futebol e Basquete”, enquanto elas se interessam mais por “Ginástica, Estrela, colocar o pé no muro, Parada de mão, Handebol”, esportes próprios do gosto feminino.

A professora Vera Ribeiro de Oliveira, de 26 anos, diz que essa importância do contato com o esporte se dá porque realmente “beneficia o desenvolvimento psicomotor, cognitivo, tornando uma brincadeira lúdica em aprendizagem”. E esse desenvolvimento ocorre através de “uma aprendizagem signifi-

cativa, ou seja, uma atividade lúdica, aonde se trabalha regras, coletividade do grupo, concentração e companheirismo”, explica a professora. Sendo “queimada, corrida com bola, bandeirinha, pula-corda, pega-pega, cola-cola e voleibol”, as brincadeiras e modalidades mais trabalhadas, que acrescentam com “noções de lateralidade, raciocínio lógico, agilidade e percepção”. Normalmente são oferecidas duas vezes por semana, e apenas não mais vezes porque “o número já é compatível com a grade curricular da escola”.

De fato, o esporte ganha credibilidade ao garantir tão benéficos resultados à saúde, que são vistos principalmente quando é praticado de forma desprestensiosa, ou seja, pelo mero prazer de praticar – quando se torna um lazer, não só uma obrigação. O esporte ou as “brincadeiras” proporcionam um descanso à mente, e isso faz com que as crianças se concentrem mais e se sintam incentivadas a estudar, pois melhora no rendimento e desenvolvimento, como é apresentado pelos entrevistados. Assim, o esporte “promove” a educação por justamente trazer benefícios não só para o corpo, mas sim para toda vida.

An advertisement for a course titled "Introdução a programação Java". The text includes the course name, date (saturdays from August 16 to October 4), time (8h to 12h), and value (R\$ 70,00 for UCDB community and R\$ 110,00 for external community). It also features the UCDB logo and a website address: www.ucdb.br/extensaoacademica.



Ressocialização

A confecção de bolas por detentos gera renda e reduz a pena, além de incentivar o esporte em escolas públicas

Costurando liberdade dentro da cela

Danúbia Burema

Utilizar o trabalho de detentos como subsídio para que os alunos de escolas públicas brasileiras pratiquem atividades esportivas. Isso é o que vem acontecendo através do Programa Pintando a Liberdade, realizado através da parceria do Ministério do Esporte com o Ministério da Justiça.

Detentos de vários Estados do Brasil estão inseridos no programa. No Presídio Federal em Campo Grande, ele foi lançado em março deste ano. O trabalho dos detentos consiste em costurar bolas de futebol em couro. O material é distribuído gratuitamente para escolas públicas, para que crianças e adolescentes desenvolvam atividades esportivas.

A auxiliar administrativa Ranude Rodrigues da Silva, de 48 anos, trabalha em uma escola estadual em que as crianças utilizam as bolas fabricadas pelo programa. Ela acredita que esse trabalho faz com que o detento pense e reflita sobre sua situação.

Para ela, o programa deveria ser ampliado também para a fabricação de outros materiais, e

para jovens infratores, como os adolescentes que vão para as Unidades Educacionais de Internação (UNEIs) da Capital. "Se eles fizessem esse tipo de

trabalho com as crianças que vão para lá, elas não iriam sair de lá cada vez piores", afirma.

Uma das intenções do trabalho é

fazer com que os detentos consigam se reintegrar na sociedade. "Se lá dentro preso ele está sendo útil, imagine aqui fora", declara Ranude.

Cláudio Franklin, de 56 anos, que trabalha há cerca de nove anos no programa, explica o cuidado que se deve ter com a segurança nos presídios ao desenvolver este tipo de atividade. "Pra você botar um preso para trabalhar não é muito simples", afirma.

Ele explica que no Programa Pintando a Liberdade o preso costura as bolas na própria cela. Franklin fala sobre o retorno que o programa traz, expresso na auto-estima dos presos por estar trabalhando e recebendo pagamento por isso.

O diretor do Presídio Federal de Campo Grande, Arcelino Vieira Damasceno, de 31 anos, explica os critérios que devem ser preenchidos para que o detento seja beneficiado pelo programa. O primeiro deles é que o preso não esteja sendo beneficiado por nenhum outro programa de ressocialização. Depois, a preferência é dada àqueles que não têm acesso às visitas da família.

Por enquanto, o programa contempla 15 detentos no Presídio Federal, mas a intenção é que ele atinja a todos aqueles que desejem participar, segundo a apresentação feita no lançamento do projeto.



Reabilitação - Detentos fabricam material esportivo em presídio no Distrito Federal